



Educação midiática antirracista: a produção de um *videocast* sobre literaturas africanas de mulheres negras

Anti-racist media education: the production of a videocast about African literature by black women

Educación mediática antirracista: la producción de un videocast sobre literatura africana realizado por mujeres negras

Amanda Vieira - Universidade Regional de Blumenau | Blumenau | SC | Brasil. E-mail: amavieira@furb.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1139-7931>

Kelly Ayanna Peters Barros - Universidade Regional de Blumenau | Blumenau | SC | Brasil. E-mail: kellyayanna@furb.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4620-5517>

Maeles Carla Geissler - Universidade Regional de Blumenau | Blumenau | SC | Brasil. E-mail: mcgeisler@furb.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3791-440X>

Rafael José Bona - Universidade Regional de Blumenau | Blumenau | SC | Brasil. E-mail: rbona@furb.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2116-2407>

Resumo: A cidade de Blumenau, situada no estado de Santa Catarina, é conhecida nacionalmente por sediar a Oktoberfest – uma festa que celebra a cultura alemã. A partir de uma notícia lida em um jornal *online* que relata um caso de racismo cotidiano, sofrido por blumenauenses negros na festa, objetiva-se compartilhar a experiência de produzir um *videocast* sobre o tema “mídias e ações antirracistas”. O episódio aborda a importância das mídias no combate ao racismo e a relevância de obras de escritoras negras africanas. Como principal resultado, destaca-se a estratégia pedagógica pautada na educação antirracista, que visa sensibilizar as pessoas ao sofrimento causado pelo racismo cotidiano, que surgiu a partir da leitura de obras de mulheres negras africanas (Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi Adichie e Tzitzí Dangarembga).

Palavras-chave: educação; mídia e educação; educação antirracista.

Abstract: The city of Blumenau, located in the state of Santa Catarina, is nationally known for hosting the Oktoberfest - a festival that celebrates German culture. Based on a story read in an online newspaper about a case of everyday racism suffered by black residents of Blumenau at the festival, the aim is to share the experience of producing a videocast on the subject of "media and anti-racist actions". The episode addresses the importance of the media in combating racism and the relevance of works by black African woman writers. The results include a pedagogical strategy based on anti-racist education, which aims to sensitize people to the suffering caused by everyday racism, which emerged from reading works by black African women (Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi Adichie and Tzitzzi Dangarembga).

Keywords: education; media and education; anti-racist education.

Resumen: La ciudad de Blumenau, ubicada en el estado de Santa Catarina, es conocida a nivel nacional por albergar el Oktoberfest, un festival que celebra la cultura alemana. A partir de una noticia de un periódico online que relata un caso de racismo cotidiano, sufrido por negros de Blumenau en la fiesta, compartimos objetivamente la experiencia de realizar un videocast sobre el tema "medios y acciones antirracistas". El episodio aborda la importancia de los medios de comunicación en la lucha contra el racismo y la relevancia de las obras de escritoras africanas negras. Como resultados, se destaca la estrategia pedagógica basada en la educación antirracista, que pretende sensibilizar a las personas sobre el sufrimiento causado por el racismo cotidiano, surgida de la lectura de obras de mujeres africanas negras (Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi Adichie y Tzitzzi Dangarembga).

Palavras claves: educação; meios y educação; educação antirracista.

1 Introdução

Cenas de racismo são presenciadas no cotidiano de qualquer pessoa negra (pretos e pardos); esta é uma das consequências do processo de colonização das Américas. Quijano (2009), afirma que é quando a ideia de “raça” é criada – com intuito de legitimar as relações de dominação impostas aos povos que viriam a se tornar indígenas e africanos.

O racismo está enraizado na estrutura da nossa sociedade brasileira, construída sobre trezentos anos de escravidão. Almeida (2019, p. 32) explica que somente a representatividade não é o suficiente para combater o racismo, ainda que essencial, o autor afirma: “a mera presença de pessoas negras e outras minorias em espaços de poder e decisão não significa que a instituição deixará de atuar de forma racista”. Almeida (2019, p. 32-33) argumenta que a ação dos indivíduos é orientada, e muitas vezes “só é possível por meio das instituições, sempre tendo como pano de fundo os princípios estruturais da sociedade, como as questões de ordem política, econômica e jurídica”.

O conceito de racismo transcende “o âmbito da ação individual” e a dimensão do poder é um “elemento constitutivo das relações raciais”; não é só “o poder” de um indivíduo de uma raça sobre outro, “mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional” (Almeida, 2019, p. 31).

Nesse sentido, na urgência de sermos antirracistas como clama Davis (2016), este artigo relata uma experiência de prática educativa com o uso da mídia *videocast*, que discute a relevância da leitura de obras de mulheres negras africanas. Com intuito de opor-se contra atitudes racistas, este trabalho relata a produção de um *videocast* que objetiva incentivar a leitura das obras das escritoras Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi Adichie e Tzitz Dangarembga.

Foi produzido um *videocast* no qual discute-se sobre literaturas africanas (de autoras negras) e a importância destas para o enfrentamento ao racismo, por meio da disseminação de conhecimento, neste caso, com indicações de livros.

O objetivo deste artigo é relatar essa experiência e apresentar a prática da produção de um *videocast* ocorrida numa disciplina de pós-graduação em Educação, relacionando teorias de autores que conversam sobre mídias, racismo e educação. Além disso, incentivar “a produção e emissão” de conteúdo educativo para estes meios e não apenas para sua recepção (Galarça, 2019, p. 12). Essa proposta tem o intuito de incentivar os educadores da educação básica a aplicar produções de *podcasts* e *videocasts* em suas aulas; compartilhando-os nas redes sociais ou em outras mídias para efeitos educativos, a fim de disseminar conteúdos relevantes na sociedade.

Este relato de experiência descreve uma estratégia pedagógica pautada na educação antirracista, que visa sensibilizar as pessoas ao sofrimento causado pelo racismo cotidiano “apelidos depreciativos, brincadeiras e piadas de mau gosto, que sugerem incapacidade e ridicularizam traços físicos, a textura de seus cabelos” e diversas formas de depreciar pessoas negras (Brasil, 2004, p. 12), pois há urgência em “corrigir certas posturas, atitudes e palavras preconceituosas”, conforme sugerem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004, p. 17).

Este estudo é descritivo e de abordagem qualitativa que, de acordo com Lüdke e André (1986, p. 18), “é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Na gravação do *videocast*, para introduzir a temática, refletiu-se sobre uma matéria publicada no Jornal *online* ND+, de 11 de outubro de 2022, sobre blumenauenses negros que sofreram ataques racistas após postarem vídeo com traje típico alemão.

Após breve discussão, foram indicados três romances africanos de autoria feminina, entre eles: *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie (Editora Companhia das Letras, 2011), *Nikette: uma história de poligamia* de Paulina Chiziane (Editora Companhia das Letras, 2021) e *Condições Nervosas*, de Tsitsi Dangarembga (Editora Kapulana, 2019). O *videocast*¹ foi gravado em um laboratório profissional de áudio e, posteriormente, editado por um técnico e divulgado nas redes sociais.

2 *Videocast* e educação antirracista

De acordo com Leite *et al.* (2010 *apud* Miranda, 2021, p. 49), o *podcast* em vídeo é designado de *videocast*, o qual se destaca “na qualidade tecnológica educacional, por ser muito útil em salas de aula, reforçando o tema abordado, sendo usado também como elemento motivador”. Os vídeos para serem produzidos passam por todas as etapas de produção que vão desde o seu planejamento, iniciado pelo roteiro, até a sua produção e finalização (Kellison, 2007; Musburger, 2008; Montañó, 2015).

A produção de *videocasts* educativos possibilitam diversas aprendizagens tanto durante a produção com o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao se comunicar diante de uma câmera como quando é realizado o estudo e levantamento sobre o assunto abordado, ao buscar questões relevantes para a elaboração do roteiro. De acordo com a pesquisa de Miranda (2021, p. 51), a produção de *videocast* na escola possui um grande potencial educativo e a autora destaca alguns pontos:

¹ Disponível em: https://youtu.be/oR_m7Lkk934?si=SRv3Mjij3p_vfgsm. Acesso em: 10 jul. 2024.

a) O maior interesse na aprendizagem dos conteúdos devido a uma nova modalidade de ensino introduzida na sala de aula; b) É um recurso que ajuda nos diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos visto que os mesmos podem escutar inúmeras vezes um mesmo episódio a fim de melhor compreenderem o conteúdo abordado; c) A possibilidade da aprendizagem tanto dentro como fora da escola; d) Se os alunos forem estimulados a gravar episódios aprendem muito mais, pois terão maior preocupação em preparar um bom texto e disponibilizar um material correto e coerente para os colegas; e) Falar e ouvir constitui uma atividade de aprendizagem muito mais significativa do que o simples ato de ler.

Na produção do *videocast* da pesquisa de Miranda (2021), utilizou-se uma câmera de celular, o aplicativo *My talking pad*, um microfone profissional, lapela, o aplicativo Sony Vegas para a edição de áudio e o aplicativo *Adobe Premium* para a edição de vídeo. Com poucos recursos disponíveis é possível fazer a gravação do vídeo e do áudio para o *videocast*².

A experiência da gravação do *videocast* e de sua posterior publicação na plataforma do Youtube com o vídeo completo de 15:34 minutos e divulgação nas redes sociais Facebook e Instagram do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Furb) não visa apenas o “uso instrumental dos meios ou das tecnologias”, como alerta Martín-Barbero ao descrever sobre a introdução das tecnologias nas escolas como apenas “amenizadora” da “relação escolar” e para “amenizar o tédio da rotina cotidiana” (Martín-Barbero, 2023, p. 66). Para isso, é necessário a escolha de pautas relevantes, o que exige do educador um conhecimento prévio das demandas sociais de forma crítica e atenção aos problemas que de alguma forma afetam os estudantes. Todo o processo para a produção de *videocast* abrange engajamento no tema selecionado, inclusive uma pesquisa prévia e discussão.

A publicação de *videocasts* educativos na plataforma do Youtube e divulgação nas redes sociais Facebook e Instagram do Programa de Pós-Graduação em Educação, ampliam a abrangência de público, democratizando o acesso ao conhecimento para mais pessoas. A cultura participativa em rede permite que a cultura popular assuma novas responsabilidades na esfera política e social. “Prontos ou não já estamos vivendo numa cultura da convergência”, afirma Jenkins (2022, p. 44).

As práticas sociais se relacionam a todo o tempo com os espaços digitais; com maior frequência, os estudantes acessam os aparelhos celulares e permanecem interagindo simultaneamente no espaço físico e no espaço digital. Isso está

² “[...] em 2022, um estudo da Buzzsprout revelou que 61% dos episódios publicados não ultrapassa os 40 minutos. E 31% dos episódios tem entre 20 e 40 minutos” (Podcasts, 2022). Já o tempo de produção, varia de 30 minutos a 01 hora, pois após a edição é possível reduzir o tempo do episódio.

influenciando as práticas pedagógicas dos educadores e a forma de aprendizagem dos estudantes. Jenkins (2022, p. 44) ressalta que “a convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica” e saber como ela ocorre e sua participação nas mudanças da sociedade traz compreensão da forma como consumimos e produzimos mídia e de que maneira nosso comportamento está condicionado a interpretações das informações.

Para Jenkins (2022, p. 349), o YouTube emergiu como “um site fundamental para a produção e distribuição da mídia alternativa [...], da ruptura nas operações das mídias de massa comerciais, causada pelo surgimento de novas formas de cultura participativa”. Diversas comunidades alternativas produziam mídia independente o que agora é compartilhado nesse portal com mais visibilidade do que se fossem distribuídas por portais isolados. É necessário que educadores se apropriem desse espaço para estender a aprendizagem para além dos muros da escola, fazendo dessa mídia um lugar de conhecimento e de participação social e política.

A comunicação relaciona e compartilha “a significação” e a participação compartilha “a ação” (Martín-Barbero, 2023, p. 78); ambos são relevantes para a disseminação e desenvolvimento de ideias. Segundo Jenkins (2022, p. 369):

O advento de novas ferramentas de produção e canais de distribuição derrubou barreiras de entrada no mercado de ideias. Essas mudanças colocam recursos para o ativismo e a crítica social nas mãos de cidadãos comuns, recursos que já foram de domínio exclusivo dos candidatos, dos partidos e dos meios de comunicação de massa.

O autor se debruça sobre o impacto da cultura popular e de como manter o potencial da cultura participativa nas mídias e, de acordo com suas estimativas, “as forças combinadas da tecnologia e da natureza humana acabarão por impor a pluralidade com muito mais rigor do que quaisquer leis que o congresso possa inventar” (Jenkins, 2022, p. 34). Essas forças podem ter igualmente um poder de destruição, no sentido de irem contra a democracia e os direitos humanos.

É preciso cautela, “devemos estar atentos às dimensões éticas pelas quais estamos gerando conhecimento” (Jenkins, 2022, p. 370). Freire (2021a) atribui como saberes necessários à prática educativa o assumir-se como sujeito ético - o que se estende a todos os indivíduos; ele argumenta que só podemos ser agentes transformadores se formos éticos. A transgressão dos princípios éticos é possível, mas não é uma virtude e não deve ser aceita.

A mídia digital, segundo Bona e Schlögl (2021, p. 49), “facilitou a comunicação e a produção de material audiovisual que tem sido cada vez mais acessível e fácil para os atores sociais”. Hoje, o lugar para se aprender “pode ser qualquer um” (Martín-Barbero, 2023, p. 10). Essas práticas, segundo Jenkins (2022, p. 53), “não permanecerão inalteradas à medida que ampliarmos o acesso e a participação” e a “ampliação da participação necessariamente desencadeará mais transformações”. Esse ambiente, com a participação ampliada de indivíduos comprometidos com a luta contra preconceitos por meio da divulgação de conteúdos antirracistas, promoverá uma legitimação dessas práticas que são pautadas nos direitos humanos.

Não podemos aceitar posturas racistas nas escolas, nas mídias, em nosso cotidiano sem se posicionar contra, sem termos atitudes antirracistas. E isso “requer mudança nos discursos, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras” (Brasil, 2004, p. 11). Implica igualmente em “desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira [...] que os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros” porque há “falta de competência ou de interesse” não considerando as “desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros” (Brasil, 2004, p. 12).

A educação antirracista, sob o olhar de França (2022, p. 1), diz que uma educação antirracista deve acontecer de uma maneira que transforma, “promovendo uma livre expressão, tencionando a prática da liberdade”. Essa ideia vai de encontro com os ensinamentos de Freire e hooks.

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos (Hooks, 2021, p. 25).

Os estudantes, nesse contexto, devem ser vistos como participantes ativos e não consumidores passivos, no sentido de desafiar o sistema da educação bancária (Freire, 2021b). Conforme hooks (2021), na obra de Freire, ele explica que a educação só pode ser libertadora quando “todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar” (Hooks, 2021, p. 26).

Portanto, a ideia de práxis de Freire, que é o “agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo” (hooks, 2021, p. 26), é essencial para o professor. A sala de aula ganha importância quando os alunos e professores encaram uns aos outros como “seres humanos ‘integrais’, buscando não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo” (Hooks, 2021, p. 27).

Compreender os sujeitos como seres integrais, desafia a lógica colonial e capitalista de objetificação dos corpos; a autora afirma que ao torná-los em objeto, depreciando a noção de integridade, sustenta a “ideia de uma cisão entre mente e corpo, uma ideia que promove e apoia a compartimentalização” (hooks, 2021, p. 29), da qual a autora discorda.

Almeida (2019, p. 32) afirma que o racismo não é “criado” por indivíduos nem por instituições, mas são reproduzidos por eles. De acordo com o autor, “o racismo está presente na vida cotidiana; as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade”. O autor enfatiza que é o que “geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais [...]”.

Nesse caso, as instituições são propensas a reproduzirem práticas sociais “corriqueiras”, dentre elas o racismo na forma “de violência explícita ou de micro agressões – piadas, silenciamento, isolamento etc.” (Almeida, 2019, p. 32). Não podemos deixar que somente negros lutem contra o racismo, pois exige da responsabilidade de “lutar pela transformação e transgressão das injustiças históricas” os responsáveis por criarem a ideia de raça (Miranda, 2022, p. 31). Almeida discute:

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo (Almeida, 2019, p. 34).

É necessário reconhecer que vivemos em uma sociedade estruturalmente racista e que nossas relações são permeadas pela colonialidade do poder. É preciso reconhecer, também, que a literatura normaliza e propaga relações coloniais de poder e, conseqüentemente, o racismo (Rodrigues, 2021).

As literaturas africanas são pouco discutidas diariamente, pouco midiáticas; apesar de sua riqueza e importância, não recebe a mesma atenção e visibilidade na mídia em comparação com outras literaturas (Gomes, 2019). É possível começar a criar um imaginário mais fiel desses sujeitos subalternos e enxergá-los como seres humanos também por meio da literatura.

Rodrigues (2021) relata que a literatura pode reforçar e disseminar preconceitos, o que não favorece uma educação antirracista. Além de a presença negra muitas vezes aparecer como personagens vinculadas à escravidão, carregadas de sofrimento, mantendo a marca da inferiorização naturalizada, também enfatiza uma dominação

social por parte dos brancos. De acordo com Lima (2005), o modelo de representação de personagens negros frequentemente se concentra em situações de submissão e estereótipos, reforçando a imagem de uma população marginalizada e associada a noções de atraso.

Segundo Rodrigues (2021), a literatura ensinada nas escolas tem grande relevância para a sociedade, pois além de oferecer prazer e conhecimento, também permite a transmissão de valores e conceitos, contribuindo para o desenvolvimento da Educação das Relações Étnico-Raciais.

No entanto, a literatura também pode contribuir para “a perpetuação de estereótipos reforçando o imaginário social racista. De acordo com Rodrigues (2021, p. 48), “a literatura deve ser vista como um instrumento de empoderamento intelectual e afetivo, formador da personalidade e humanizador do sujeito”.

Destaca-se a importância de se divulgar literaturas africanas, a fim de possibilitar aos sujeitos um novo olhar sobre a cultura e a história “do povo negro escrito pelos seus legítimos representantes literários, ou seja, uma visão sem caricaturização ou adaptação preconceituosa da literatura produzida em países africanos de colonização portuguesa” (Dias; Silveira; Blank, 2021, p. 236).

Nascimento (2018, p. 8) coloca que esses movimentos de “valorização das raízes africanas entre os afrodescendentes brasileiros”, neste caso por meio da literatura, é um “processo de resistência e de superação das limitações impostas pela dominação”; pois possibilita “redescobrir suas raízes, entrar em contato com uma realidade nunca imaginada de ricos aspectos culturais [...] que ultrapassam o tráfico de negros escravizados”.

Resulta-se disso a viabilidade dos negros brasileiros de sentirem orgulho de si, “assumindo a responsabilidade social e política conferida por essa identidade e, assim, será capaz de unir-se a uma comunidade que trabalha para construir uma sociedade mais justa e igualitária”. Além de partilhar “um legado de memórias, tradições e de profunda herança cultural, artística e linguística” (Nascimento, 2018, p. 08).

3 Relato de experiência

O contexto da prática a ser relatada se dá em uma disciplina optativa, Comunicação e Educação: Interfaces e Processos, de um Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Regional de Blumenau, de Blumenau, SC. A disciplina foi ministrada por dois professores, em 2024/1, e dividida em duas partes: teoria e prática. Na parte de teoria, foram abordadas as principais correntes teóricas sobre o tema Comunicação Social e produção de mídia; na segunda parte, foram

elaborados roteiros e gravados os episódios de *videocast* pelos alunos da disciplina, com auxílio dos professores.

Inicialmente, foi solicitado que os estudantes formassem grupos de três a quatro integrantes e que cada grupo selecionasse um tema para abordar no *videocast*; considerando questões relevantes, impacto social e pertinência com o tema de suas próprias pesquisas. Os estudantes tiveram um período de duas aulas de quatro horas para elaborar o roteiro do *videocast*. Este roteiro precisava contemplar: apresentação do tema, discussões pertinentes. Em seguida, a equipe precisou se reunir para definir o que cada um iria falar, qual a ordem.

Nesse segundo momento, após a escolha do tema e a elaboração do roteiro do episódio, foram elencados pontos essenciais para a discussão com o público, trazendo informações significativas para o assunto abordado. Neste caso, o tema escolhido foi literatura africana de autoria negra e feminina, no qual foram escolhidas três autoras e uma de suas obras para cada integrante comentar a respeito. Além disso, para fazer a abertura deste episódio, decidiu-se trazer uma notícia local sobre um caso de racismo cotidiano para justificar a necessidade de abordar esse tema. Posteriormente, enviou-se o roteiro em arquivo Word para os professores da disciplina avaliarem antes da gravação do *videocast*.

Quadro 1 – roteiro do *videocast*

Título	Literaturas africanas de autoras negras.
Descrição	Conversa sobre Literaturas Africanas (de autoras negras) e a importância delas para o enfrentamento ao racismo, com indicações de livros.
Vinhete de abertura	Padrão da universidade.
Apresentação do tema e das participantes	Olá, sejam bem-vindos(as) a este episódio. Meu nome é ***, eu sou a *** e eu me chamo ***; e somos estudantes do mestrado em Educação da ***. Neste episódio, vamos conversar sobre literatura africana e como conhecer essas histórias pode auxiliar a desenvolver empatia por meio do conhecimento sobre pessoas negras. Moramos, vivemos e circulamos por Blumenau e região e sabemos que o Sul do país é conhecido Brasil afora por notícias horríveis de racismo. Acreditamos que a educação e a literatura podem nos ajudar a criar uma consciência sobre assuntos sensíveis como esse e despertar a humanidade dentro de nós. Vamos ler uma notícia para termos noção da realidade que pessoas negras enfrentam aqui em Blumenau, em seguida, vamos conversar e indicar leituras literárias.

Leitura da notícia	“VÍDEO: Blumenauenses negros sofrem ataques racistas após postarem vídeo usando traje alemão”. Disponível em: https://ndmais.com.br/seguranca/video-blumenauenses-negros-sofrem-ataques-racistas-apos-postarem-video-usando-traje-alemao/ . Acesso em: 19 jul. 2024.
Debate principal	Ler a notícia, comentar brevemente sobre ela, comentar sobre o papel da educação e da literatura; cada uma explica por que escolheu cada obra e fala um pouco da sinopse e dos seus sentimentos ao realizar a leitura e, por fim, cada uma comenta sobre a leitura da outra. Para terminar, comentários finais sobre essas obras na educação e comentários finais pertinentes. Despedida.
Vinheta final	Padrão da universidade.

Fonte: os autores (2024).

No terceiro momento, cada integrante fez sua pesquisa acerca da autora e obra selecionadas para elaborar sua fala com os pontos pertinentes (biografia, resumo das obras etc.). O quarto momento foi a gravação do *videocast* no laboratório de áudio da universidade, o qual dispõe de profissionais especializados para fazerem as edições de áudio e vídeo.

Uma câmera, que gravava tanto o vídeo quanto o áudio, estava presente nesse espaço; posteriormente, o material foi editado no laboratório, começando pela edição do vídeo e depois do áudio. A equipe técnica da universidade foi responsável por fazer o upload do *videocast* no canal do YouTube de um projeto de extensão da instituição, o *Comunica Furb*, enquanto nas redes sociais Instagram e Facebook ele foi apenas divulgado no perfil do programa de pós-graduação.

4 Considerações finais

É inaceitável que indivíduos façam comentários racistas em redes sociais e não sejam punidos conforme a lei. A impunidade só legitima a injustiça. O ambiente virtual desmascara ideologias que se pautam em pensamentos racistas, o que ocorre frequentemente na sociedade de diversas formas e é encoberto pelo “mito da democracia racial”.

Não existem fórmulas e receitas antirracistas prontas, é necessário inventá-las. Promover uma educação antirracista é assumir compromisso com a sociedade. A educação, nesse sentido, é compreendida a partir de Paulo Freire (2021a), como algo maior que somente o processo de aprendizagem. Educação como a liberdade do saber

e de ser, que exige a ação e reflexão crítica constante, pois é a partir disso que transformamos o mundo.

A mídia *videocast* viabiliza o acesso do público em geral a conteúdos descentralizados e contempla a diversidade de vozes; além de possibilitar que pessoas negras se orgulhem de sua descendência africana e de pessoas brancas identificarem as contribuições e as influências dessas histórias.

Como limitações deste estudo e sugestão para novos, relata-se que não foram convidadas a participar deste *videocast* as vítimas citadas na notícia que é lida e discutida no início do episódio. Tendo em vista atitudes antirracistas, dar voz aos silenciados é de extrema importância, se não se acaba por discutir racismo somente pela perspectiva de pessoas brancas.

Compreende-se a importância de as vítimas de racismo relatarem as agressões sofridas, suas experiências e repercussão pós denúncia. Outro ponto a destacar, como forma de enriquecer o debate, indica-se também o convite a professores e pesquisadores que estudam literatura africana e afro-brasileira (se possível, negras). Por fim, o respeito ao próximo deve ser algo latente em nós, pois vivemos em sociedade. O combate ao que é danoso ao ser humano deve ser constante. Usar as redes sociais para suscitar e dissipar o ódio são atitudes que acentuam o preconceito em massa.

Saber usar os meios de comunicação com respeito e dignidade minimizam muitas mazelas causadas pela ausência de reciprocidade. A cor não define o valor do ser humano, por isso, pensou-se em indicar a obra de autoras africanas negras, mulheres que com sabedoria escreveram obras tão importantes e impactantes para a civilização.

Esperamos que este relato nos leve a refletir sobre a ideia de Santos (2023), que defende que, ao nos conectarmos com os outros, não deixamos de ser quem somos, mas nos tornamos uma versão ampliada de nós mesmos, enriquecida pela interação com os demais. Para Santos, a confluência é uma força que potencializa, expande e fortalece. Com essa perspectiva, almejamos a erradicação do racismo e a soberania do respeito.

Referências

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BONA, R. J.; SCHLÖGL, L. Interdisciplinaridade e produção de vídeo para a universidade: práticas educativas de extensão na área de publicidade e propaganda no município de Blumenau. **Revista Anhanguera**, Goiânia, ano 21, v. 22, jan./jun.

2021. Disponível em: <https://unigoias.com.br/wp-content/uploads/revista-unigoias-2021-1-artigo-5.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF, 2004. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf. Acesso em: 12 maio 2024.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, A. L.; SILVEIRA, N. N.; BLANK, S. C. Literatura africana e regional: conhecendo autores e obras em tempo de pandemia. **Revista Multidebates**, Palmas, v. 5, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revista.faculdadeitop.edu.br/index.php/revista/article/view/462>. Acesso em: 9 jul. 2024.

FRANÇA, N. D. A necessidade de uma educação antirracista. **Portal Geledés**, [s. l.], 06 ago. 2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-necessidade-de-uma-educacao-antirracista>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

GALARÇA, S. L. S. Jornalismo e educação: interfaces possíveis. **ECCOM - Educação, Cultura e Comunicação**, Portugal, v. 10, p. 191-204, 2019. Disponível em: https://mega.nz/file/iJ5RXbhY#l-KmM9FXJi1s_WnH_Tp8-IM-WAW4aJcRa7BRHb_-vTc. Acesso em: 21 jun. 2024.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. São Paulo: Autêntica, 2019.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: MEDIAFashion, 2021. Coleção Os Pensadores, v. 3.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2022.

KELLISON, C. **Produção e direção para TV e vídeo: uma abordagem prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LIMA, H. P. Personagens negros: Um breve perfil da literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 101 – 115.

- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2023.
- MIRANDA, A. R. **O uso do videocast como ferramenta para o letramento literário na disciplina de Língua Portuguesa no 1º ano do Ensino Médio**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberlândia, Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uniube.br/handle/123456789/1712>. Acesso em: 6 jul. 2024.
- MIRANDA, E. O. Epistemologias do ODUS e decolonialidade afro-brasileira. **Revista Estudos Libertários**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, jul. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/53236>. Acesso em: 7 jul. 2024.
- MONTAÑO, S. **Plataformas de vídeo**: apontamentos para uma ecologia do audiovisual da web na contemporaneidade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MUSBURGER, R. B. **Roteiro para mídia eletrônica**: TV, rádio, animação e treinamento corporativo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- NASCIMENTO, C. M. A literatura africana de expressão portuguesa e a construção da identidade afro-brasileira. **Revista do ISAT**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1-10, 2018. Disponível em: [https://www.revistadoisat.com.br/numero11/1%20Carolina Literatura Africana.pdf](https://www.revistadoisat.com.br/numero11/1%20Carolina%20Literatura%20Africana.pdf). Acesso em: 10 jun. 2023.
- POPCASTS. 2022. **Qual a duração ideal de um episódio de podcast?** Disponível em: <https://popcasts.pt/blog/qual-a-duracao-ideal-de-um-episodio-de-podcast/>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 73-119. Disponível em: <https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.
- RODRIGUES, L. A. M. S. **Formação docente e as relações étnico-raciais**: a literatura como instrumento de implementação da lei nº 10.639/03 nas escolas públicas estaduais na cidade de Pires do Rio - GO. 2021. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ensino para Educação Básica, Instituto Federal Goiano, Urutaí, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/1610>. Acesso em: 6 jul.2024.
- SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.